

O mecanismo coesivo da elipse do sujeito na narrativa escrita infantil

Fabiane Pereira Soares*

Introdução

Este artigo, que consiste na síntese da Dissertação de Mestrado da autora, trata de aspectos coesivos do texto, especificamente do recurso coesivo da elipse do sujeito, tendo como objetivo investigar o uso da elipse do sujeito na narrativa escrita infantil como elemento evolutivo do aprendizado da escrita.

A pesquisa desenvolvida teve como hipótese geral que o uso da elipse do sujeito, como elemento coesivo, é um ponto evolutivo do processo de aprendizado da escrita narrativa infantil. Juntando-se a esta seguem as hipóteses específicas:

a) Há correlação significativa entre a frequência no uso da elipse do sujeito na narrativa escrita e a idade e a escolaridade da criança de séries iniciais que a produz.

b) Há correlação significativa entre a frequência no uso da elipse do sujeito coesiva, na narrativa escrita e a idade e a escolaridade da criança de séries iniciais que a produz.

c) As características do funcionamento lingüístico (referentes das elipses do sujeito, histórico coesivo do referente à elipse do sujeito e proximidade do referente à elipse do sujeito) das elipses do sujeito, utilizadas pela criança de séries iniciais, em sua narrativa escrita, estão associadas às variáveis idade e escolaridade.

Para análise e avaliação das hipóteses acima referidas, foram consideradas como variáveis centrais nesta pesquisa:

* Mestre em Letras – Lingüística Aplicada, pela PUCRS.

a) Características do funcionamento lingüístico das elipses do sujeito: Referentes das Elipses do Sujeito, Histórico Coesivo do Referente à Elipse do Sujeito, Proximidade do Referente à Elipse do Sujeito;

b) Uso (frequência) de elipses do sujeito;

c) Uso (frequência) coesivo das elipses do sujeito.

Como variáveis intervenientes, foram consideradas:

a) Idade (7 a 10 anos de idade);

b) Escolaridade (2ª a 4ª série).

O *corpus* da pesquisa foi constituído de sessenta textos narrativos de língua escrita, produzidos por alunos de 2ª série (20 textos), 3ª série (20 textos) e 4ª série (20 textos) de uma escola particular de Porto Alegre.

No que se refere à testagem-piloto, reuniu-se uma criança de cada série (2ª, 3ª, 4ª), na mesma sala de aula, utilizando o mesmo livro infantil. Tal procedimento foi empregado para testar se a narrativa proposta serviria para as três séries escolares, ou melhor, se atenderia às diferentes idades e níveis escolares. O livro escolhido foi *A verdadeira história dos três porquinhos*, de Jon Scieszka (1993). Durante a testagem-piloto, levando em conta o desenvolvimento das crianças no seu relato oral e escrito, observou-se que o livro é perfeitamente aplicável nas três séries, podendo ser compreendido por uma criança de 8 anos que esteja na 2ª série, como também não se torna ingênuo e desinteressante a uma criança que já tenha completado 10 anos cursando a 4ª série.

Em outro momento houve a realização da coleta dos dados que ocorreu em sala de aula, ou seja, levou-se o livro infantil utilizado na testagem-piloto, leu-se a história aos alunos, em seguida fez-se um relato oral e, após, solicitou-se de cada aluno, uma produção textual em forma de narrativa, tendo em vista a história que havia sido lida. Após esse procedimento, ficou estabelecido o *corpus* definitivo da pesquisa, constituído por 60 textos.

Passou-se, então, à realização de uma leitura cuidadosa de cada texto, e a partir daí à identificação das ocorrências de elipses do sujeito, sendo marcado o símbolo \emptyset na ocorrência.

Depois de identificadas as elipses do sujeito, estas foram registradas nas planilhas de levantamento de dados por texto.

Nessas planilhas foram registradas as ocorrências de elipse do sujeito levando em conta as características de seu funcionamento lingüístico (referentes das elipses do sujeito, histórico coesivo do

referente à elipse do sujeito e proximidade do referente à elipse do sujeito).

A categoria "referentes das elipses do sujeito" está relacionada ao referente (lobo, porquinho, vizinho, repórteres...) expresso no texto, que a criança, ao longo de sua narrativa, deixa elíptico na função de sujeito. Já a categoria "histórico coesivo do referente à elipse do sujeito" diz respeito ao número de pronomes que a criança utiliza entre o referente expresso no texto até o registro de elipse do sujeito desse mesmo referente. Há momentos em que a criança utiliza em seu texto o referente *lobo* e em seguida já faz elipse desse mesmo referente, ou então, ela vai recuperando esse referente através de pronomes. Em relação à categoria "proximidade do referente à elipse do sujeito", procurou-se categorizar a distância em orações e frases do referente até a elipse do sujeito.

Após o levantamento das categorias acima mencionadas, adotaram-se critérios para identificar as elipses do sujeito enquanto coesivas ou não. Porém, antes de expor os critérios, faz-se necessário explicitar o que vem a ser elipse do sujeito nas narrativas escritas estudadas, ou seja, como se apresenta esse elemento coesivo.

Neste estudo, observou-se que as elipses do sujeito ocorrem como pronomes zero antes do verbo que indica a ação do sujeito. A partir desse reconhecimento da elipse do sujeito nos textos analisados, foram tomadas decisões para avaliá-las enquanto elemento coesivo.

Foram consideradas elipses coesivas do sujeito as que iam ao encontro dos seguintes critérios:

- O referente da elipse do sujeito está presente no co-texto. Quanto a esse critério, pode-se afirmar que a recuperabilidade do referente ocorre no texto através de itens co-referentes e não na situação de contexto.
- O referente da elipse do sujeito é um elemento anafórico.
- A recuperação do referente se dá através de substantivo (lobo, porquinho, etc.) em caso de 3ª pessoa. A utilização de pronome como referente só será considerada quando o texto se apresentar em 1ª pessoa, ou seja, a criança não explicita os substantivos como sendo os referentes, e sim apenas o pronome *eu* (caso em que escreve como personagem da história).
- Não há ambigüidade na recuperação do referente da elipse, ou seja, a recuperabilidade deve ser precisa, sem que haja dúvida quanto ao referente da elipse do sujeito.
- A recuperabilidade do referente da elipse do sujeito não pode exigir esforço cognitivo por parte do leitor.

- Somente a partir dos dados levantados através do *corpus*, foi realizado um tratamento estatístico de correlação. O teste de correlação de Pearson permitiu avaliar as hipóteses levantadas a respeito das produções textuais que integram a amostra e dos sujeitos que os produziram.

1 Texto narrativo

Há algumas abordagens do texto narrativo que devem ser mencionadas como tentativas de caracterização da narrativa do ponto de vista estrutural. A definição mais conhecida de narrativa de experiência pessoal provavelmente é a de Labov (1967), quando afirma que é um método de recapitular experiências passadas, fazendo corresponder uma seqüência verbal de cláusulas à seqüência de eventos que efetivamente ocorreram.

Cabe chamar a atenção para o fato de que os estudos do texto narrativo dentro da Linguística se concentram em narrativas de experiência pessoal, principalmente no caso de Labov, deixando assim de lado as narrativas do tipo histórias, que partilham de muitas das experiências das primeiras. Note-se ainda que, quando se fala em “recuperar” ou “recapitular” linguisticamente eventos ou experiências passadas, a hipótese subjacente parece ser a de que “o passado” de cada um é definível como a soma de experiências pessoais arquivadas na memória e pode ter existência independente da linguagem.

Segundo Perroni (1992), este parece ser o ponto de vista corrente sobre a linguagem nas abordagens tradicionais da Linguística: ela é a forma ou roupagem de um pensamento pré-construído. Talvez tenha sido este um dos motivos que impediram os linguistas de considerar, na análise do discurso narrativo, as histórias. Com efeito, contar uma “história” e contar “o passado” parecem ter sido tradicionalmente considerados como coisas muito diferentes.

Portanto, as tentativas que se encontram na literatura psicolinguística de dar conta da estrutura de narrativas em geral, isto é, histórias e relatos pessoais, enquadram-se numa linha cognitivista ainda mais forte. É o caso de Rumelhart (1975) e de Kintsch e Van Dijk (1975), entre outros, que pretendem demonstrar que a compreensão e a recuperação de narrativas se dá através de representações mentais – esquemas ou macroestruturas concebidos sob a forma de regras de reescritura operando sobre categorias como cenário, episódio, evento, etc.

Dentre os autores acima mencionados, salienta-se a proposta de Van Dijk (1978) a respeito da estrutura textual. O autor parte da

noção de superestrutura. Para ele, as superestruturas são estruturas globais que caracterizam um tipo de texto e independem do conteúdo, ou seja, são a forma do texto. São culturalmente adquiridas e tidas como esquemas formais aos quais o texto se adapta. Por sua vez, a macroestrutura diz respeito aos macroatos que o texto realiza e aos diversos modos de atualização em situações comunicativas. É o conteúdo do texto.

No nível superficial estão as microestruturas que constituem as proposições básicas do texto. Neste nível, é processada a organização da estrutura lingüística. Na relação entre as proposições se dá a coerência do texto. Por sua vez, estratégias e processos sintáticos que estabelecem relações entre essas proposições definem a coesão textual e traçam a tessitura do texto.

Van Dijk (1978) aponta as “ações dos personagens” como característica fundamental do texto narrativo, ficando subordinados a ela outros aspectos do texto, como descrições de circunstâncias, de objetos. A essa característica semântica junta-se outra de ordem pragmática: aquilo que é narrado leva em conta um critério de interesse, ou seja, conta-se uma história que tem ligado a ela algo especial, um acontecimento inesperado a ter um desenlace. A primeira categoria da superestrutura para textos narrativos está relacionada a esse critério. Trata-se da *complicação*, cujo conteúdo consiste na descrição de um evento que é de alguma maneira interessante ou importante e que freqüentemente cria obstáculos entre o participante dos eventos narrados e suas metas. Essa reação tem o caráter de desenlace da *complicação* e gera outra categoria que é a *resolução*, a qual pode ser positiva ou negativa, ou seja, a reação ante o fato pode ter êxito ou fracassar.

2 Coesão

A coesão faz parte do componente textual, isto é, dos recursos formadores de texto, ao estabelecer as relações de significado que definem um texto como tal, contribuindo, assim, para o seu padrão de tessitura. O maior ou menor grau de tessitura de um texto está relacionado ao tipo e número dos elementos coesivos. É por meio desses que se vai formando o “tecido” (tessitura) do texto. A esse fenômeno é que se denomina coesão textual.

Em obra que se tornou clássica sobre o assunto, Halliday e Hasan (1976) apresentam o conceito de coesão textual como um conceito semântico que se refere às relações de sentido existentes no interior do texto e que o definem como um texto.

Segundo eles, a coesão ocorre quando “a interpretação de algum elemento no discurso é dependente da de outro. Um pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro”.

Para esses autores, a coesão é, pois, uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento crucial para a sua interpretação. A coesão, por estabelecer *relações de sentido*, diz respeito ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga com a que veio antes, aos recursos semânticos mobilizados com o propósito de criar textos. A cada ocorrência de um recurso coesivo no texto denominam “laço”, “elo coesivo”.

Na literatura, os elementos coesivos são amplamente estudados e qualificados, tanto aqueles de origem gramatical quanto os provenientes do léxico da língua. Halliday e Hasan (1976) dedicam uma obra inteira ao estudo da coesão na língua inglesa. Nela estudam o que denominam “laços coesivos” que são: a referência, a substituição e a elipse, que compreendem a *coesão gramatical*. Entre os dois extremos, ou seja, entre a gramática e o léxico, interpõe-se a coesão por *conjunção*, e por fim a *coesão lexical* e ligadas a ela estão a reiteração e a colocação.

3 Elipse como mecanismo coesivo

3.1 Elipse

A elipse consiste na omissão de um termo que já apareceu no texto anteriormente. Trata-se de uma substituição de um item por zero. O item omitido, na maioria dos casos, está presente no texto precedente, considerando-se, por isso, a elipse como uma relação anafórica. Para Halliday, trata-se de uma pressuposição ao nível de palavras e estruturas, constituindo-se numa relação léxico-gramatical, enquanto a referência é pressuposição em nível de significados, constituindo-se numa relação semântica.

Para Beaugrande e Dressler (1997, p. 115-117), “a elipse é um mecanismo coesivo que contribui de maneira decisiva para que se alcance a concisão e a eficiência textual”. O enfoque procedimental defendido pelos autores em sua obra é que “a elipse se apresenta unicamente quando as tarefas de processamento textual incluem completar uma descontinuidade perceptível na superfície textual. A elipse do sujeito e de outros elementos supostamente indispensáveis na estrutura oracional, como o verbo, exemplifica a complexidade da interação existente entre a cognição e as convenções sintáticas.”

Um item é elíptico quando deixa uma lacuna para ser preenchida em se recorrendo a algum lugar do texto. Sua função é estabelecer relações de coesão através da omissão, sob regras definidas, do que pode ser recuperado do discurso precedente, tornando explícito o que contrasta com ele.

Onde há elipse, há uma pressuposição na estrutura, que indica que algum elemento textual tem de ser suprido ou “entendido”. Isso não é o mesmo que dizer a partir da estrutura de um item se ele é elíptico ou não, pois não é de fato a estrutura que faz isso ser a elipse. Um item é elíptico se a estrutura não expressar todas as características que compuseram a sua formação e todas as escolhas significativas que estão incorporadas a ela. Ou melhor, a elipse ocorre quando algo que é estruturalmente necessário é deixado de dizer; há uma sensação de incompletude associada à elipse.

3.2 Elipse do sujeito

Um dos temas que mais se tem discutido na atualidade, dentro das mais variadas posturas teóricas, é o problema da realização do sujeito. As línguas do mundo, quanto a essa característica, se dividem em dois grupos: as que permitem a não-realização do sujeito (o chamado “sujeito nulo”), as que exigem o sujeito realizado.

Entre as últimas, estão as línguas germânicas, como o inglês. E entre as primeiras, ou seja, as que permitem a não-realização do sujeito, estão as línguas românicas, como o italiano, o português. Esse fenômeno é conhecido como o “parâmetro *pro-drop*”.

Segundo Lobato (1986), as línguas que permitem a não-realização do sujeito são conhecidas como “línguas *pro-drop*”. A explicação em geral aceita para esse fato é que todas essas línguas têm uma morfologia verbal muito rica, que torna dispensável a manifestação fonética do pronome sujeito. Este e a flexão verbal seriam, então, redundantes entre si nessas línguas, chamadas de “línguas *pro-drop*” ou línguas com sujeito nulo (ou oculto) exatamente por sua característica de permitir a não-manifestação fonética do sujeito.

Quanto às definições de sujeito nulo, é muito difícil encontrá-las, porque a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) não se refere a essa classificação. Nas gramáticas antigas, como a de Eduardo Carlos Pereira (1909), encontramos a seguinte definição: “[...] oculto ou subentendido, quando não sendo enunciado, facilmente se subentende”.

Celso Pedro Luft (1996) dá uma definição bastante coerente: “[...] elíptico, ou oculto, quando suprimido por elipse, subentendido, recuperável na desinência verbal ou no contexto: *leio poesia, escreves cartas, enviamos felicitações, chegaste cedo*”.

Assim, em língua como o português, em que os pronomes plenos são opcionais em frases flexionadas, admite-se que a posição sujeito é ocupada por um pronome nulo de tipo *pro*, regido pelo núcleo *Flex* e identificado pelos traços verbais. Também se refere *pro*, entre outros, como objeto arbitrário, sujeito das formas imperativas e sujeito expletivo dos verbos metereológicos – sendo obviamente nesse caso um pronome não-argumental. O conteúdo do pronome é, de modo geral, recuperado por referência ao seu antecedente: por meio da flexão no caso do sujeito nulo, por meio do verbo, no caso do objeto arbitrário ou por defeito no caso de as condições precedentes falharem, sendo então *pro* um mero pronome expletivo. Nos exemplos seguintes encontram-se alguns dos usos de *pro* anteriormente referidos:

- a) *pro* Procuro o João. (*pro* sujeito argumental)
- b) *pro* Choveu toda noite. (*pro* expletivo)
- c) A questão leva *pro* à seguinte conclusão (*pro* objeto arbitrário)

Devido ao que foi apresentado nesta seção, afirma-se que elipses do sujeito, nesta pesquisa, são as elipses que recuperam seus referentes através das marcas flexionais dos verbos.

3.3 *Elipse na narrativa escrita infantil*

Neste momento faz-se necessário tecer algumas considerações a respeito de características próprias de textos de aprendizes, como também citar algumas pesquisas levantadas sobre a temática da produção de narrativas e o uso de formas nominais e pronominais incluindo a anáfora zero para introduzir, mudar ou manter a referência e solucionar virtuais ambigüidades.

Alguém poderia questionar a validade de uma reflexão como esta, que se detém sobre textos de 2ª a 4ª séries, mas o trabalho se explica por entender a aquisição da escrita como um *processo*, que se inicia antes mesmo de a criança entrar na escola e se estende muito além das séries iniciais. Algumas conseqüências daí se seguem: as características próprias das fases iniciais não se dissolvem repentinamente, elas sofrem transformação paulatina e *idiossincrática*; espera-se que um aluno de qualquer das séries após a alfabetização tenha superado dificuldades iniciais como o estabele-

cimento da relação grafema/fonema, mas não se supõe que tenha ele já percorrido todo o trajeto que o fará um sujeito proficiente no uso da língua escrita. No entremeio desse processo, sua produção escrita apresentará tanto características próprias do início quanto do final.

Vale lembrar que o processo de aquisição da linguagem, seja ela oral ou escrita, não é linear nem cumulativo, é cheio de idas e vindas, aparentes retrocessos e novos avanços (Figueira, 1996). Pode-se afirmar, então, que os textos produzidos por aprendizes são parte de um processo e têm, portanto, características próprias: é incoerente procurar neles a textualidade do adulto proficiente. Pelo contrário, pode-se observar um uso peculiar e idiossincrático dos recursos disponíveis à criança para a construção da coesão em seus textos.

Com base nas considerações anteriores e no fato de a linguagem não ser inata mas adquirida, é altamente conveniente e útil que a complexidade lingüística seja conceituada em termos psicolingüísticos, em termos de maturidade lingüística. As estruturas serão tanto mais complexas quanto mais tempo a criança levar para adquiri-las ou quanto mais tempo levar para produzi-las, em escala normal. Essa complexidade será estabelecida segundo a produção lingüística crescente em relação à variável idade. Uma determinada estrutura lingüística que for produzida de forma crescente à medida que o fator idade variar será considerada indicadora de complexidade.

Vieira (1992) descreve as condições de produção e distribuição das elipses anafóricas e exofóricas do tipo nominal (sujeito e objeto), verbal e proposicional, determinando seu desenvolvimento na escrita de crianças brasileiras de 2ª a 8ª série do Ensino Fundamental, correlacionando-as à idade e ao tipo de texto (textos narrativos, descritivos e dissertativos). Devido aos interesses do presente trabalho, cabe levantar apenas suas constatações quanto ao texto narrativo.

O referido autor, de acordo com os dados obtidos em sua pesquisa, afirma que a elipse é uma categoria textual, realizada essencialmente dentro do texto, mas somente a partir de uma certa idade. Sustenta, portanto, que crianças adquiriram de maneira geral a competência de produzir frases gramaticais, incompletas e interpretáveis convenientemente num texto, se bem que essa habilidade deva ainda ser dominada pelas crianças da 2ª série.

De acordo com o número do emprego da referência exófora na 2ª série pelas crianças, revela que seus textos possuem muitos enunciados que têm como referente um elemento da situação con-

textual. É possível concluir, portanto, que essas crianças ainda não dominam a elipse dentro do código escrito e que a variável *idade escolar* intervém na aquisição e no desenvolvimento da elipse do código escrito. Se o ano escolar serve como critério para determinar a maturidade cognitiva, podemos dizer que a elipse é uma aquisição complexa e que seu desenvolvimento segue uma curva ascendente gradual.

Afirma-se também que à medida que as crianças crescem e à medida que elas avançam em escolaridade, sua capacidade de empregar a elipse como categoria textual aumenta. Na pesquisa de Vieira, os dados indicam que o emprego das elipses anafóricas ou exofóricas variam por tipo de texto. Eles sugerem que a elipse, enquanto processo textual, está consolidada no texto narrativo, em que o emprego da elipse é fortemente anafórico. De acordo com os percentuais obtidos na pesquisa de Vieira a diferença, na utilização das elipses anafóricas e exofóricas para a narração, sugere que o emprego da elipse já está consolidado para esse tipo de texto e, por conseguinte, indica que a narração é fortemente independente do contexto.

Caso se aceite que a aquisição de um tipo de referência está relacionada à aquisição de um esquema textual, a noção de distância entre o referente e o enunciado ao qual se refere é um elemento a ser retido. Dessa forma, pode-se sustentar que as crianças aprendem melhor o esquema narrativo que os outros, uma vez que, dentro desse tipo de texto, elas são capazes de relacionar suas seqüências. No entanto, se não há conhecimento do esquema textual, elas não podem empregar convenientemente a elipse.

Nesta pesquisa as elipses do sujeito nas narrativas estudadas apresentam-se da seguinte forma: através do pronome *eu*, quando a criança produz seu texto como sendo o personagem da história ou nas situações de discurso direto entre os personagens. Em outras narrativas, a elipse do sujeito apresenta-se na marca flexional do verbo em 3ª pessoa, casos em que a criança produz seu texto como narrador da história. Com isso os referentes *lobo*, *porquinho*, *polícia*, etc., são mencionados na história e recuperados através dos verbos flexionados em 3ª pessoa.

4 Análise dos dados

Esta seção se propõe a demonstrar brevemente como foi feita a análise dos dados, registrando-se aqui casos de elipses coesivas do sujeito, produzidas pelas crianças das três séries escolares. Resalta-se que a análise centra-se na recuperabilidade do referente,

ou seja, registram-se fragmentos de textos em que ocorre elipse do sujeito coesiva por atender a todos os critérios apontados na metodologia.

2ª Série – Categoria de Idade 2

[...] O *lobo* foi na casa do 3º porco. Esse é mais inteligente. O *lobo* espirrou, mas a casa não caiu. O porco não queria dar uma xícara de açúcar. O *lobo* batia e *o* batia. Aí chegaram os *repórteres* e os *policiais* e *o* prenderam o *lobo* [...] (T 17-2)

Nesse fragmento de texto, não há somente o referente *lobo* elíptico na função de sujeito, mas também o referente *policiais*. Ambas as elipses do sujeito são coesivas, e seus referentes recuperáveis

A primeira elipse do sujeito tem como referente o substantivo *lobo* que se encontra no co-texto sendo um elemento anafórico. A recuperação do referente da elipse do sujeito não gera ambigüidade nem esforço cognitivo por parte do leitor em função da construção sintática que a criança utilizou: *O lobo batia e o batia*, ou seja, através da conjunção aditiva e se estabelece uma relação de equivalência sintática entre as orações, ficando evidente que o sujeito elíptico do verbo *batia* é recuperado pelo referente *lobo*.

A segunda elipse do sujeito tem como referente o substantivo *policiais* que se apresenta no texto sob as mesmas condições do referente *lobo*, citadas no parágrafo anterior. Devido à estrutura sintática (*Aí chegaram os repórteres e os policiais e o prenderam o lobo*) que a criança utilizou, o referente da elipse do sujeito é perfeitamente recuperável também na marca flexional do verbo *prender* na 3ª pessoa do plural.

3ª Série – Categoria de Idade 6

[...] O *lobo* viu o porquinho mortinho da silva e *ele* não resistiu aquela carne que nem um presunto e *o* o comeu [...]. (T 17-3)

Nesse trecho da narrativa evidencia-se que a elipse do sujeito construída pela criança é coesiva e tem como referente o substantivo *lobo*, que se expressa no texto anaforicamente.

Devido à construção utilizada pela criança, não há como confundir o referente da elipse do sujeito, pois percebe-se que o pronome *ele* está substituindo o referente *lobo* e que o sujeito da ação do verbo *comer* é também *lobo*, visto que o pronome *o* em *o comeu* é objeto direto de *porquinho*. Então o referente *lobo* é o sujeito elíptico do verbo *comer*, recuperando-se também na marca flexional do verbo na 3ª pessoa do singular.

4ª Série – Categoria de Idade 8

[...] O lobo estava fazendo o bolo para sua vovozinha e \emptyset estava muito resfriado, \emptyset não parava de espirrar derrubando um pouco de açúcar da chicara e assim \emptyset acabou ficando sem açúcar. [...] E chegaram os policiais e \emptyset prenderam. (T₁₆₄)

Essas ocorrências de elipses do sujeito são coesivas e têm como referentes os substantivos *lobo* e *policiais*.

As três primeiras elipses possuem como referente o substantivo *lobo*, o qual expressa-se no co-texto anaforicamente. O referente dessas elipses recupera-se sem ambigüidade na marca flexional dos verbos *estar*, *parar* e *acabar*, na 3ª pessoa do singular.

A última elipse do sujeito tem como referente o substantivo *policiais*. Tal referente é anafórico e se apresenta no co-texto. A recuperação do referente ocorre na marca flexional do verbo *prender* na 3ª pessoa do plural.

5 Resultados e avaliação das hipóteses

Neste momento passa-se à avaliação da hipótese quanto às características do funcionamento lingüístico das elipses do sujeito utilizadas pela criança de séries iniciais, em sua narrativa escrita, e a associação dessas características às variáveis idade e escolaridade.

Constata-se que os referentes mais utilizados nas oito categorias de idade são *lobo*, *porquinho*, *eu*, e isso deve-se ao fato de serem estes os referentes que representam os personagens da história, ou seja, a quem as crianças mais necessitam se referir para construir sua narrativa.

Verifica-se que os referentes *lobo*, *porquinho* e *eu*, são utilizados em número crescente de acordo com a escolaridade (da 2ª à 4ª série).

Em relação aos históricos coesivos do referente à elipse do sujeito, evidencia-se que tanto crianças mais novas como mais velhas utilizam com bastante frequência em suas narrativas os históricos coesivos: Ref/el; Ref/1pron/el.

Constata-se também que, de acordo com a escolaridade (da 2ª à 4ª série), os históricos coesivos mais utilizados pelas crianças em suas narrativas são: Ref/el; Ref/1pron/el.

Em relação à proximidade do referente à elipse do sujeito, é possível concluir que as crianças mais velhas utilizam com maior frequência as proximidades de MFOO (mesma frase outra oração) e 1F (uma frase) em relação às crianças mais novas.

Quanto à categoria “proximidade do referente à elipse do sujeito”, pode-se dizer que está associada à série escolar, no que diz respeito a algumas proximidades, mas não se pode generalizar afirmando que o número de frases entre o referente e a elipse do sujeito aumenta gradativamente de acordo com a escolaridade da criança.

Passa-se a avaliar a seguinte hipótese específica: há correlação significativa entre a frequência no uso da elipse do sujeito na narrativa escrita e a idade e a escolaridade da criança de séries iniciais que a produz.

Para testar essa hipótese foram processadas as seguintes correlações: *Idade e Média das Elipses do Sujeito Produzidas*, em que se obteve um grau de associação entre as variáveis de 0,538. Após a correlação foi realizada com as variáveis: *Série e Média das Elipses do Sujeito Produzidas*, sendo o grau de associação dessas variáveis de 0,699.

Embora exista correlação entre as variáveis testadas, os resultados atestam que a frequência no uso da elipse do sujeito está mais ligada à escolaridade das crianças, não tanto com a idade delas, visto que o índice alcançado em relação à idade é considerado moderado.

Quanto à avaliação da segunda hipótese específica, quando se processaram as variáveis *Escolaridade e Média das Elipses do Sujeito Coesivas*, obteve-se um grau de associação entre as variáveis de 0,856, constatando que é bastante significativa essa correlação. Isso implica afirmar que a hipótese quanto a essas variáveis se confirma, ou seja, a escolaridade influi de modo considerável na utilização desse recurso coesivo.

Ligada a essa mesma hipótese, tem-se a correlação entre as variáveis *Idade e Média das Elipses do Sujeito Coesivas*, onde se obteve um grau de associação entre essas variáveis de 0,778, mostrando que o resultado dessa correlação também é significativo, porém um pouco menor em relação à correlação anterior. Através dos resultados estatísticos evidenciados nessas correlações conclui-se que, à medida que as crianças avançam em idade e escolaridade, sua maturidade lingüística se aprimora, fazendo com que produzam um número maior de elipses do sujeito coesivas.

A terceira hipótese específica relaciona-se às características do funcionamento lingüístico das elipses do sujeito, utilizadas pela criança de séries iniciais, em sua narrativa escrita, associadas às variáveis idade e escolaridade. Salienta-se que, para essa hipótese, foi feita uma análise descritiva de frequência e percentual. Pode-se afirmar que as características do funcionamento lingüístico das

elipses do sujeito estão associadas à idade e à escolaridade das crianças.

Nesse momento retoma-se à hipótese geral deste trabalho, segundo a qual o uso da elipse do sujeito, como elemento coesivo, é um ponto evolutivo do processo de aprendizado da escrita narrativa infantil.

As análises de correlação das hipóteses específicas mostram que a hipótese geral se confirma, ou seja, quando se processaram as variáveis *Escaridade* e *Média das Elipses do Sujeito Coesivas*, obteve-se um grau de associação entre as variáveis de 0,856, constatando que é bastante significativa essa correlação. Pode-se afirmar que a escolaridade influi de modo considerável na utilização desse recurso coesivo, sendo este um ponto evolutivo do processo de aprendizado da escrita narrativa da criança.

Junto a essa mesma hipótese, tem-se a correlação entre as variáveis *Idade* e *Média das Elipses do Sujeito Coesivas*, tendo-se um grau de associação entre essas variáveis de 0,778, o que mostra que o resultado dessa correlação também é significativo. Com os resultados estatísticos evidenciados nessas correlações conclui-se que, à medida que as crianças avançam em idade e escolaridade, sua maturidade lingüística se aprimora, fazendo com que, neste estudo, o uso da elipse do sujeito, como elemento coesivo, seja um ponto evolutivo do processo de aprendizado da escrita infantil.

Conclusões

Inspirando-se na Lingüística Textual que considera fundamental a relação do texto e seus fatores de textualidade, a pesquisa aqui relatada procurou mostrar através da análise de 60 narrativas, possibilidades de estudar como se processa o recurso coesivo da elipse do sujeito em textos infantis.

Salienta-se que, para o estudo da coesão gramatical, e mais particularmente para o estudo da elipse, foram abordadas principalmente as obras de Halliday e Hasan. Para esses autores, a coesão é, pois, uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento crucial para a sua interpretação. Já quanto à elipse, elemento da coesão gramatical, ela consiste na omissão de um termo que já apareceu no texto anteriormente. Trata-se de uma substituição de um item por zero. O item omitido, na maioria dos casos, está presente no texto precedente, considerando-se, por isso, a elipse como uma relação anafórica. Para Halliday, trata-se de uma pressuposição ao nível de palavras e estruturas, constituindo-se numa relação léxico-gramatical.

As concepções de coesão e elipse abordadas neste estudo, através dos autores acima citados, serviram de base para que se pudesse primeiramente entender o mecanismo coesivo da elipse e assim se passasse a estudá-la no texto infantil. O trabalho se propôs, então, a estudar a *elipse do sujeito* e a *elipse coesiva do sujeito*, na narrativa escrita infantil.

Para o estudo antes citado precisou-se ter como base também trabalhos fundamentados na maturidade lingüística da criança: Figueira (1996), Vieira (1992).

Para finalizar, este trabalho também teve como interesse mostrar aos profissionais que trabalham com e para a criança, ou seja, os professores, os autores de livros didáticos e os escritores de livros infantis, a competência textual que a criança vai desenvolvendo ao utilizar a elipse. Logo, torna-se necessário que tais profissionais estejam atentos quanto à faixa etária e à escolaridade de seu público-alvo, visto serem variáveis de grande importância, que podem melhor delimitar e orientar o trabalho desses profissionais ao produzirem textos ou materiais didáticos para a criança ou quando orientam a sua elaboração na sala de aula.

Referências

- BEAUGRANDE, R. A.; DRESSLER, W. U. *Introducción a la lingüística del texto*. Barcelona: Ariel, 1997.
- DIJK, T. A. van. *The Porto Rico lectures on the structures and functions of discourse*. Amsterdam: Mimeo, 1978.
- FIGUEIRA, R. A. O erro como dado de eleição nos estudos de aquisição da linguagem. In: CASTRO, M. F. P. (Org.). *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Unicamp, 1996.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.
- KINTSCH, W.; VAN DIJK, T. A. Comment on se rappelle et on résume des histoires. *Langage*, Didier-Larousse, n. 40 (98/116), 1975.
- LABOV, W.; WALETSKY, J. Narrative analysis: oral versions of personal experience. In: JILM, J. *Essays on the verbal and visual arts*. Washington: University of Washington Press, 1967.
- LOBATO, L. M. P. *Sintaxe gerativa do português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação*. Belo Horizonte: Vigília, 1986.
- LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. 13. ed. São Paulo: Globo, 1996.
- PEREIRA, E. C. *Grammatica expositiva: curso superior*. 2. ed. São Paulo: Duprat, 1909.

PERRONI, M. C. . *Desenvolvimento do discurso narrativo*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

RUMELHART, D. E. Notes on a schema for stories. In: BOBROW, D. G.; COLLINS, A. (Eds.). *Representation and understanding: studies in cognitive science*. New York: Academic Press, 1975.

SCIESZKA, J. *A verdadeira história dos três porquinhos*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1993.

VIEIRA, M. A. R. O desenvolvimento da elipse em textos narrativos, descritivos e argumentativos. In: KATO, M. A. (Org.). *A concepção da escrita pela criança*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1992. p. 165-192.

GRUPO
EPECE


EDUFUCRS
filial à ABEU


EDUORABRADA

ASSINATURA DA REVISTA LETRAS DE HOJE

Para assinar ou fazer renovação de assinatura da revista **LETRAS DE HOJE**, basta preencher devidamente o cupom abaixo e enviar, com cheque nominal à EDIPUCRS:

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 33

Caixa Postal 1429

90619-900 – Porto Alegre – RS – Brasil

Fone: (51) 3320-35-23/ Fax: (51) 3320-38-82

O pagamento também poderá ser feito mediante Doc Bancário para

Conta nº 12044-8 BANCO DO BRASIL,

Agência 3418-5

Ao efetuar o pagamento por depósito bancário, envie uma cópia do comprovante junto com o pedido.

Os preços da assinatura trimestral da Revista **LETRAS DE HOJE** são:

-Assinatura (Brasil) – R\$38,00

-Assinatura (Exterior) – U\$34,00

-Número Avulso – R\$12,00

ASSINATURA DA REVISTA LETRAS DE HOJE

assinatura nova renovação de assinatura

Desejo assinar a revista **LETRAS DE HOJE** para o ano de 2003. O pagamento será feito por:

cheque nominal à EDIPUCRS

Doc Bancário

Depósito em conta

Assinante:

Av./Rua

Nº apto Caixa Postal:

Bairro: CEP:

Cidade: UF:

País: Fones:

E-mail:

Local e data:

Assinatura:

Publicações periódicas da PUCRS

- **MUNDO JOVEM**
Jornal de idéias e reflexões para jovens, vinculado à Faculdade de Teologia - *Mensal*
- **PUCRS INFORMAÇÃO**
Revista informativa - *Bimestral*
- **VERITAS**
Revista de estudos de Filosofia - *Trimestral*
- **LETRAS DE HOJE**
Revista de estudos de Linguística, Literatura e Língua Portuguesa - *Trimestral*
- **TEOCOMUNICAÇÃO**
Revista de estudos de Teologia e áreas afins - *Trimestral*
- **REVISTA DE MEDICINA DA PUCRS**
Revista da Faculdade de Medicina e Instituto de Geriatria - *Trimestral*
- **EDUCAÇÃO**
Revista do Curso de Pós-Graduação em Educação - *Quadrimestral*
- **ANÁLISE**
Revista da Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia - *Semestral*
- **BIOCIÊNCIAS**
Revista da Faculdade de Biociências - *Semestral*
- **BRASIL/BRAZIL**
Revista de Literatura Brasileira e Literatura Comparada Editada pela PUCRS e Brown University - *Semestral*
- **COMUNICAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**
Anual
- **DIVULGAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**
Anual
- **ESTUDOS IBERO-AMERICANOS**
Revista de estudos sobre a História e a Literatura Ibero-Americana do Curso de Pós-Graduação em História - *Semestral*
- **ODONTO CIÊNCIA**
Revista da Faculdade de Odontologia - *Trimestral*
- **PSICO**
Revista da Faculdade de Psicologia - *Semestral*
- **REVISTA FAMECOS – mídia, cultura e tecnologia**
Revista da Faculdade de Comunicação Social – *Quadrimestral*
- **SESSÕES DO IMAGINÁRIO**
Revista de Cinema da Faculdade de Comunicação Social – *Anual*
- **DIREITO & JUSTIÇA**
Revista da Faculdade de Direito - *Semestral*
- **ACTA MÉDICA**
Registro dos formandos da Faculdade de Medicina – *Anual*
- **CIVITAS**
Revista de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências